



Veredas atemática

Volume 19 nº 2 – 2015

Estudo sincrônico, diacrônico e etnolinguístico da terminologia de ourivesaria presente no “Diccionario da Lingua Brasileira” (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto

Estefânia Cristina da Costa (UFOP)
Ana Paula Antunes Rocha (UFOP)

RESUMO: Este artigo apresenta os principais resultados de uma pesquisa de mestrado que objetivou o estudo sincrônico, diacrônico e etnolinguístico do léxico correspondente à terminologia de ourivesaria presente no “Diccionario da Lingua Brasileira”, de 1832, de Luiz Maria da Silva Pinto. Para as análises, utilizamos os dicionários de Bluteau (1712-1728), Moraes Silva (1813), Freire (1957), Aurélio (1999), Houaiss (2009) e Cunha (1987) e os questionários aplicados a ourives atuantes em Ouro Preto e região. Nossa análise apontou uma terminologia de base europeia que, embora em sua maior parte continue dicionarizada e relacionada ao universo da ourivesaria, é pouco conhecida pelos entrevistados.

Palavras-chave: terminologia; lexicografia; ourivesaria; língua portuguesa.

Introdução

Este artigo buscou apresentar os principais resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Garimpendo memória: um estudo sincrônico e diacrônico da terminologia¹ de ourivesaria presente no “Diccionario da Lingua Brasileira” (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto”.

¹ Neste artigo, trataremos “termo” como uma marca de especialidade, sem consideramos o rigor científico que suscita muitas discussões.

Luiz Maria da Silva Pinto nasceu em Pilar de Goiás, em 15 de março de 1775 e faleceu em 20 de dezembro de 1869, na antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, aos 94 anos de idade.

De acordo com a Academia Goiana de Letras, o autor, após passar a infância em sua terra natal, seguiu com a mãe e a irmã para Vila Rica, onde foi batizado por Tomás Antônio Gonzaga. Além de se dedicar a vários cargos políticos² durante sua vida, Silva Pinto também trabalhou com a arte de imprimir: estabeleceu em Ouro Preto, na Rua do Carmo³ nº 26, a “Typographia de Silva”. Embora esse novo estabelecimento se ocupasse da impressão de papéis oficiais, como as “Posturas policiaes da Câmara da Real cidade de Marianna”, impressas em 1829, destaca Frieiro (1955), ele também produzia obras de caráter educativo, destacando-se o “Diccionario da Língua Brasileira” (DLB).

O DLB é considerado a primeira obra lexicográfica escrita, editada e impressa no Brasil, mais especificamente na atual cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica, no ano de 1832, dez anos após a Independência do Brasil. Adiante, veremos mais informações sobre essa obra.

Nunes (2013) lembra-nos de que o “Diccionario da Lingua Portuguesa”, de Antonio de Moraes Silva, apesar de ser considerado o primeiro monolíngue da língua portuguesa, foi publicado em Lisboa em 1789⁴ e que, ainda que Moraes seja um autor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, seu dicionário se filia diretamente à tradição portuguesa, em um momento em que os brasileiros realizavam estudos em Portugal.

Aguçou-nos o interesse em saber quais termos de ourivesaria seriam selecionados para compor o primeiro dicionário genuinamente brasileiro, produzido na cidade de Ouro Preto, na qual houve e ainda há atividade consistente no manejo do minério cuja garimpagem originou a localidade.

Investigamos, entre outros aspectos, a) se os termos selecionados do DLB se encontram presentes em obras lexicográficas de referência dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI; e se esses mantiveram seus significados; e, ainda, se constam como “termos de ourivesaria”; b) comparar os termos de ourivesaria do DLB aos questionários aplicados aos ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, verificando se esses termos continuam vigorando entre esses sujeitos, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se outras palavras estão sendo usadas em lugar deles; c) investigar as origens dos termos de ourivesaria coletados no DLB.

Por ter ficado praticamente desconhecido pelos pesquisadores até meados do século XX, o DLB merece ser estudado. Acrescenta-se a esse quase anonimato o instigante título da obra: “Diccionario da Lingua Brasileira”. Em um momento em que a questão da nacionalidade estava em voga, Silva Pinto opta pela titulação “Língua brasileira”, diferentemente de “Língua portuguesa”, mais comumente usada. Então seria essa uma obra

² Segundo a Academia Goiânia de Letras, Silva Pinto foi secretário do Palácio do Governo, nomeado por Visconde de Barbacena e, mais tarde, por promoção, ao cargo de oficial-mor e, logo em seguida, major. Foi, também, Deputado Provincial, Procurador Fiscal da Mesa de Rendas de Minas, tendo sido nomeado vice-diretor geral da Instituição.

³ Hoje a Rua do Carmo é conhecida como Rua Brigadeiro Musqueira.

⁴ A primeira edição data de 1789, mas como era uma edição resumida do “Vocabulario Portuguez e Latino” de Bluteau, Moraes não insere seu nome como autor da obra. Ele a denomina “Diccionario da Lingua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes e Silva natural do Rio de Janeiro”. Na segunda edição, de 1813, o nome de Moraes já é indicado como autor da obra. (BIDERMAN, 1984)

nacionalista? No decorrer das nossas discussões, procuramos responder, também, a essa questão.

E por que estudar a terminologia de ourivesaria?

Como a língua evidencia-se como herança de épocas anteriores, independentemente do momento histórico em que se foca, faz-se necessário o estudo desses termos como forma de reconhecê-los, resgatá-los e documentá-los, contribuindo para a nossa memória linguística e para a área de estudos lexicográficos e terminológicos da língua portuguesa.

Este estudo diacrônico, sincrônico e etnolinguístico propõe-se a resgatar a memória da terminologia de ourivesaria, buscando não só a sua etimologia, mas também a sua trajetória desde o século XVIII até os dias atuais.

Inicialmente, apresentamos com mais vagar o DLB. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada e alguns resultados obtidos. Por fim, fazemos algumas considerações finais.

1. O Dicionário da Língua Brasileira

O DLB, como apontado anteriormente, é considerado a primeira obra lexicográfica genuinamente brasileira. Caracteriza-se por ser monolíngue, portátil, criado com a proposta de facilitar o manuseio, e de garantir um preço mais acessível. Podemos extrair essas informações no prefácio do dicionário.

É um dicionário semasiológico, ou seja, parte do significante para se chegar ao significado ou a um conceito. Na organização dos verbetes, Silva Pinto insere ao lado de cada entrada a classe gramatical a que pertence a palavra; em seguida, acrescenta a definição de forma mais objetiva se compararmos com autores anteriores como Moraes Silva, no seu “Diccionario da Língua Portuguesa”. Silva Pinto praticamente não utiliza exemplos para ilustrar as definições como alguns autores faziam e ainda fazem. Registra os diferentes níveis de linguagem especificando quando é vulgar, baixo, plebeu, familiar, palavra antiquada etc. No entanto, o dicionarista não justifica o emprego dessa nomenclatura, não deixa claro o que considera um termo antiquado, por exemplo. Identifica terminologias científicas da área jurídica, da médica, da militar, entre outras, mas podemos observar que não há um rigor metodológico no emprego desses recursos, fato compreensível, no entanto, uma vez que a ciência lexicográfica brasileira estava apenas se iniciando.

No prefácio, Silva Pinto explica o motivo da elaboração da obra: “a raridade do Dicionário do nosso Idioma embora hajão diferentes edições do Fluminense *Antonio de Moraes Silva*, e de muito outros Lexicographos, me sugerio o projecto de imprimir este auxiliante da Grammatica, e da Orthographia” (SILVA PINTO, 1832, p. 5).

Os consulentes do DLB são assinantes do dicionário. Isto é comprovado na seguinte passagem escrita por Silva Pinto (1832, p. 5): “O numero dos Srs. Assignantes⁵ desta, e mais Províncias do Império excedeo ao que parecera preciso para segurar as despesas [...]”.

Segundo Frieiro (1955), o DLB caracterizava-se por uma compilação apressada feita pelo próprio impressor, que também editou, para uso das escolas de primeiras letras, outros volumes, a saber: “Ortografia ou Arte de escrever” (1829), “Aritmética ou Arte de Contar” (1831), “Princípios da moral cristã” (1846) e “Gramática brasileira ou arte de falar, conforme as regras de Manuel Borges Carneiro” (1847).

⁵ Os dicionários eram impressos por subscrição.

O título “Diccionario da Lingua Brasileira” postula uma diferenciação diatópica entre o Português Europeu e o Português Brasileiro em seu título já na primeira metade do século XIX, momento em que as discussões sobre nacionalismo estavam em voga. No entanto, conforme afirma Frieiro (1955):

[...] achando-se os brasileiros ainda na lua de mel da independência nacional, o espírito nativista, então muito alvoroçado, não se contentava unicamente com a autonomia política: almejava romper todos os laços que ainda nos atavam à repudiada Metrôpole, inclusive o liame infrangível da língua materna. Como não era possível fabricar uma, com peças totalmente novas, chamava-se *brasileira* à língua que, sem deixar de ser a portuguesa, é de qualquer forma também a nossa (FRIEIRO, 1955, p. 393).

O autor completa:

embora se intitulasse Dicionário da língua brasileira, nada tinha que ver com a fala dos aborígenes nem com as particularidades da língua corrente no Brasil. Era um pequeno léxico da língua portuguesa, com alguns escassos brasileirismos, colhidos provavelmente em Moraes e Silva (FRIEIRO, 1955, p. 393).

De fato, enquanto Moraes apresenta séries de entradas pertencentes a uma mesma família de palavras e oferece ao leitor as variadas acepções de um mesmo vocábulo, Silva Pinto, em geral, expõe apenas uma ou duas acepções e suprime exemplos e abonações. Entretanto, essa espécie de resumo não mascara a importância histórica do DLB.

Sobre as lexias que compõem o DLB, Silva Pinto (1832, p. 5) escreve: “cumpria consultar todos os Vocabulários ao alcance, para com efeito dar o da Lingua Brasileira; isto é, comprehensivo das palavras e frases entre nós geralmente adoptadas, e não somente d'aquellas que proferem os Indios, como se presumira”.

Contraditoriamente ao seu título, no DLB não há entrada para “brasileiro”, e “português” aparece com o sentido de moeda que circulava no tempo de D. Manuel I, Rei de Portugal. No entanto, aparecem muitos verbetes que designam grupos raciais como “crioulo” (o preto escravo, que nasce em casa de seu senhor), “mazombo” (nascido no Brasil), “mulato” (nascido de preto com branca, ou de branco com preto), “pardo” (de cor entre branco e preto) e “preto” (homem preto). Nação é definida por ele como “a gente de hum paiz, que se governa por suas leis particulares. Casta, raça. *Gente de nação* Descendentes de Judeos”.

Segundo Coelho (2012), O DLB não reivindica, explicitamente, autonomia para o português falado na América tampouco faz menção direta a qualquer nível de emancipação do “idioma brasileiro”. A autora ainda ressalta que o dicionário de Silva Pinto não procura registrar exclusividades, isto é, um léxico somente empregado no Brasil.

No entanto, apesar de estar aparentemente afastada dos projetos literários e linguísticos que animaram o século XIX, essa obra, para Coelho (2012), oferece rico registro de variantes do português que se usavam àquela época no país. Ela ainda expõe que, curiosamente, parece ter sido decisivo para esse registro o fato de o autor ocupar-se da tipografia: das soluções gráficas e da organização de seu texto é que emergem dados sobre a diversificação da língua portuguesa no Brasil. Um exemplo disso é o uso de asteriscos que Silva Pinto faz para marcar os termos considerados “inadequados”.

2. Metodologia

Para a realização desta pesquisa, utilizamos a edição fac-similar do DLB disponível na biblioteca digital “Brasiana Guita e José Mindlin”, da Universidade de São Paulo (USP).

Inicialmente, fizemos o levantamento das unidades léxicas que remetem ao mundo da ourivesaria. Como nem sempre o autor insere marcações de uso nesses termos, como o faz em outras terminologias inserindo, por exemplo, as marcações “náutico”, “militar”, “jurídico”, entre outras, optamos pela leitura minuciosa de todos os verbetes do dicionário. Partimos, portanto de um *corpus* dicionarístico, intitulado da “Lingua Brasileira”, do início do século XIX.

Coletamos 161 vocábulos ligados ao universo dos metais, da mineração etc. No entanto, optamos pela análise de 36 termos que receberam as marcações “T. de ourives” e “entre ourives” ou que fazem menção direta ao universo da ourivesaria, o que também não deixa de ser uma marcação. Este critério foi adotado para garantir que analisássemos os termos que, segundo a ótica do dicionarista, eram considerados termos da ourivesaria.

Os 36 termos de ourivesaria selecionados do DLB são apresentados no quadro a seguir. No ANEXO A, é possível verificar o conceito dado por Silva Pinto a cada um desses itens lexicais.

Termos de ourivesaria coletados no DLB				Quadro 1 – Termos de ourivesaria coletados no DLB
Adastra	Escovilha	Nochatro	Sedear	
Arruella	Estilheira	Ourivasaria	Sinzel	
Branquimento	Estilo	Ourives	Sinzelar	
Caçoleta	Frasco	Prateiro	Taceira	
Cartabuxa	Fuste	Rascador	Taes	
Cifa	Maçarico	Recoitar	Tenaz	
Copella	Moedeira	Reparar	Tijolo	
Embutideira	Mola	Retocador	Trasflor	
Ensaio	Morescos	Rilheira	Zunideira	

DLB

Os termos selecionados foram organizados em fichas terminológicas, que trazem informações tais como: a transcrição diplomática⁶ do verbete selecionado, além da sua transcrição fac-símile; a origem do termo, tomando como base o dicionário etimológico de Cunha (1987); a definição dada, para esses termos, por cinco dicionaristas, quais sejam a) Bluteau (século XVIII); b) Moraes Silva (século XIX); c) Freire (meados do séc. XX); d) Aurélio (final do século XX); e) Houaiss (século XXI) e comentários sobre marcação ou não do termo, sobre seus conceitos, sobre dados das entrevistas entre outros. No ANEXO B, é possível ver um modelo da ficha terminológica preenchida.

⁶ Cambraia (2005), ao comentar sobre os tipos de edição de manuscritos, informa-nos que a edição fac-similar, apresenta grau zero de mediação, uma vez que reproduz um testemunho por meio de meios mecânicos; a edição diplomática apresenta, por parte do editor, um grau baixo de mediação; já a edição paleográfica, também conhecida por semidiplomática, possui grau médio de mediação, na qual objetiva-se maior apreensão por parte do leitor; e, finalmente, a edição interpretativa, ou atualizada, é o grau máximo de mediação admissível. Optamos pela edição diplomática, pois ela permite a conservação do estado de língua da época, dado importante para o nosso estudo. Neste tipo de edição, as abreviaturas não precisam ser desenvolvidas.

Cada termo compôs uma ficha, a qual indica se o termo ocorreu ou não no Brasil desde o século XVIII até os dias de hoje; além de mostrar as origens e outras informações importantes para análise linguística. Cabe ressaltar que a presença de certos itens lexicais nos dicionários aqui citados será sempre um indício do uso real. Para o estudo contemporâneo dos termos de ourivesaria, aplicamos questionários semântico-lexicais a 10 ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região.

Inicialmente, foi feita uma rodada de perguntas (questões A) aos ourives sobre sua ciência em torno do significado de todos os 36 termos selecionados, conforme estão em Silva Pinto. Nos casos de resposta afirmativa, passamos às questões B, do tipo “O que é? Para que serve?”. A esses termos presentes em Silva Pinto que ainda fazem parte do jargão dos entrevistados, seguimos com outra pergunta (C), tal como “Existe algum outro nome para ...?”. Isso pôde apontar para alguma forma sinônima que encontre lugar nas obras lexicográficas mais atuais. Caso a resposta à primeira questão fosse negativa, passamos às questões D do questionário, objetivando identificar se o termo em estudo foi substituído por outro ou se é conhecido na região de outra forma.

Nosso objetivo era saber se tais termos continuam vigorando entre esses sujeitos, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se outras palavras estão sendo usadas em lugar deles. Partimos da palavra para o conceito. Quando a resposta não foi a esperada, partimos do conceito para a palavra.

Procuramos entrevistar 10 ourives que atuassem na cidade de Ouro Preto e região e que tivessem experiência mínima de 1 ano. Ser ouro-pretano não foi um requisito de exclusão desta pesquisa. O entrevistado poderia ser do sexo feminino ou masculino e pertencer a qualquer faixa etária.

O uso de diferentes dicionários, representantes dos séculos XVIII ao XXI, aliado aos questionários aplicados aos ourives, permitiu a análise tanto sincrônica e diacrônica da terminologia de ourivesaria quanto etnolinguística, uma vez que pudemos perceber e ratificar as relações entre língua, cultura e sociedade.

3. Alguns resultados

3.1. Unidades lexicais presentes nas obras de referência consultadas

Verificamos que todas, das 36 unidades lexicais catalogadas, se encontram dicionarizadas em pelo menos uma das obras escolhidas como fonte de consulta neste trabalho, embora parte delas não tenha a marca terminológica “termo de ourives”.

Para visualizarmos o número de vocábulos que constam em cada um dos seis dicionários pesquisados, fizemos um levantamento quantitativo que é apresentado no gráfico 1 a seguir:

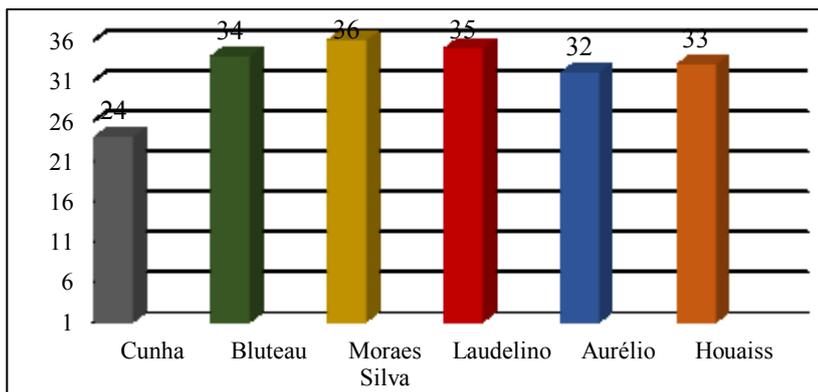


Gráfico 1 - Número de unidades lexicais encontradas em cada dicionário

O gráfico 1 mostra, em números, quantas, das 36 unidades lexicais, constam em cada dicionário. Em Cunha (barra cinza), foram encontrados 24 termos, 66,66%; em Bluteau (barra verde), 34 termos, 94,44%; Moraes Silva (barra amarela) apresenta todas as unidades lexicais selecionadas; em Freire (barra vermelha), há 35 vocábulos 97,22%; já no Aurélio (barra azul), encontramos 32 termos, 88,88%, enquanto que no Houaiss (barra laranja), 33 unidades lexicais foram localizadas, 91,66%.

Vemos uma grande presença dos termos coletados no DLB nos demais dicionários, especialmente em Moraes Silva. O fato de Moraes listar todos os termos coletados do DLB ajudaria a ratificar o caráter de “cópia simplificada”, como aponta Frieiro (1955), do DLB em relação ao dicionário de Moraes. Por sua vez, Moraes baseou-se em Bluteau e certamente outros dicionaristas também tomam como uma de suas fontes as obras lexicográficas anteriores às suas.

O dicionário de Moraes constitui-se, segundo Verdelho (2003, p. 473),

como a mais importante referência na história da lexicografia portuguesa. Como dicionário geral da língua, podemos dizer que desencadeou o início da dicionarística monolíngue moderna portuguesa. Estabeleceu as origens e deu fundamento a toda a genealogia lexicográfica desenvolvida ao longo dos últimos 200 anos.

Como Cunha é um autor brasileiro e Bluteau e Moraes, e por consequência, Silva Pinto filiam-se à tradição portuguesa, justifica-se a pouca representatividade de termos coletados no DLB em seu dicionário etimológico.

No quadro abaixo, podemos identificar quais são as unidades lexicais presentes em cada dicionário. É importante ressaltar que os termos destacados em negrito são encontrados nos dicionários mencionados, porém não apresentam marcas terminológicas de ourivesaria ou não nos remetem a esse universo. O sinal “..” indica que o item lexical não foi encontrado no dicionário consultado.

Cunha	Bluteau	Moraes Silva	Laudelino	Aurélio	Houaiss
Adastra	adastra	adastra	adastra	adastra	adastra
Arruela	arruela	arruela	arruela	arruela	arruela
branqueamento	branquear	branquimento	branquimento	branqueamento	branqueamento
..	çaçoleta	çaçoleta	çaçoleta	çaçoleta	çaçoleta
cartabuxa	cartabuxa/cartabùxa	cartabuxa	cartabuxa	cartabuxa	cartabuxa
Cifa	..	cifa	Cifa	cifa	cifa
Copella	copelha/copella	copelha/copela	copela/copella	copela	copela
..	embutideira	embutideira	embutideira	embutideira	embutideira
Ensaio	ensaio	ensaio	ensaio	ensaio	ensaio
escovilha	escovilha	escovilha	escovilha	escovilha	escovilha
..	estilheira	estilheira	estilheira
Estilo	estilo	estilo	estilo	estilo	estilo
Frasco	frasco	frasco	frasco	frasco	frasco
(Conclusão)					
Cunha	Bluteau	Moraes	Freire	Aurélio	Houaiss
fuste	fuste	fuste	fuste	fuste	fuste
maçarico	maçarico	maçarico	maçarico	maçarico	maçarico
..	moedeira	moedeira	moedeira	moedeira	moedeira
mola	molás	mola	mola	mola	mola
..	morecos	morecos
nochatro	nochâtro	nochatro	nochatro	nochatro	nochatro
ourivesaria	ourivezaríã	ourivasaria	ourivesaria	ourivesaria	ourivesaria
ourives	Ourives	ourives	ourives	ourives	ourives
prateiro	prateiro	prateiro	prateiro	prateiro	prateiro
..	rascador	rascador	rascador	rascador	rascador
..	recoitar	recoitar	recoitar	recoitar	recoitar
reparar	reparar	reparar	reparar	reparar	reparar
..	retocador	retocador	retocador	retocador	retocador
rilheira	..	rilheira	rilheira	rilheira	reilheira
..	sedear	sedear	sedear	sedear	sedear
cinzel	sinzel	sinzel	cinzel	cinzel	cinzel
cinzelar	sinzelar	sinzelar	cinzelar	cinzelar	cinzelar
..	taceira	taceira	taceira	..	taceira
..	taes	taes	tás
tenaz	tenaz	tenaz	tenaz	tenaz	tenaz
tijolo	tijolo	tijólo	tijolo	tijolo	tijolo
trasflor	trasflôr	trasflor	trasflor	trasflor	trasflor
..	zunideira	zunideira	zunideira	zunideira	zunideira

Quadro 2 – Quadro comparativo dos termos de ourivesaria

O gráfico 2 informa sobre o número de termos relacionados (mesmo que sem marcação terminológica) ou não ao universo da ourivesaria em cada obra consultada.

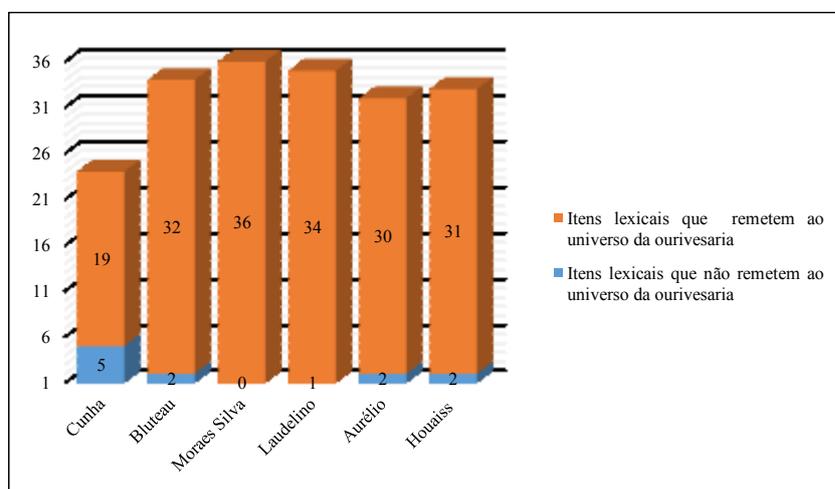


Gráfico 2 – Número de unidades lexicais relacionadas ou não ao universo da Ourivesaria.

A leitura do gráfico nos dá os seguintes dados:

- O Dicionário Etimológico de Cunha registra 24 unidades léxicas dos 36 termos que constituem nosso *corpus*. 19 lexias (79,16%) remetem ao universo da ourivesaria. Já cinco lexias (20,83%) apresentam definições que não condizem com o ofício: *arruela*⁷, *frasco*⁸, *fuste*⁹, *mola*¹⁰ e *tijolo*¹¹.
- 34 termos de ourivesaria constantes no “Diccionario da Lingua Brasileira” são registrados no dicionário de Bluteau, sendo que a definição de dois deles (5,88%) não se relaciona ao universo da ourivesaria: *tenaz*¹² e *tijolo*¹³. Os outros 32 (94,11%) têm ligação direta com o ofício.
- Em Moraes Silva encontramos todos os termos selecionados em nosso *corpus* e todos (100%), mesmo que não recebam marcação terminológica, fazem referência ao universo do ourives.

⁷ *arruela* sf. ‘chapa com um furo circular pelo qual se introduz o parafuso a fim de que a porca não desgaste a peça que vai ser aparafusada’ | XV, *roela* XIV | Do ant. fr. *Roelle* (hoje *rouelle*), deriv. do lat. tard. *rotella*, dim. De *rōta* ‘roda’. (CUNHA, 1987)

⁸ *frasco* sm. ‘pequena garrafa para medicamentos, perfumes etc.’ XVI. Do lat. tard. provém do nominativo latino || *frasca* XV || *frascARIA* XVI || *FrascÁRIO* XVI || *frasqueira* sf. 1858. (CUNHA, 1987)

⁹ *fuste* sm. ‘acha de lenha, pau’ XIII. Do lat. *fūstis* || ENfusar 1899. (CUNHA, 1987)

¹⁰ *mola* sf. ‘lâmina metálica com que se dá impulso ou resistência a qualquer peça’ 1813. Do it. *molla* || *MOLEJO* XX. (CUNHA, 1987)

¹¹ *tijolo* sm. ‘produto cerâmico, avermelhado, geralmente em forma de para lelepípedo, muito usado em construções | *tigello* XIV, *tegado* XIV, *teielo* XIV etc. | do cast. *tejullo*. (CUNHA, 1987)

¹² *TENAZ*. (Termo da antiga milícia Romana.) Era hum Esquadrão a modo de dous triângulos, ou de dous vV unidos nesta fôrma M [...]. (BLUTEAU, 1712-1728)

¹³ *TIJOLO*. Ladrilho. (BLUTEAU, 1712-1728)

- O dicionário de Freire contabiliza 35 termos dos 36 do nosso *corpus*. Desses 35, apenas um (2,85%) não tem a definição relacionada diretamente ao universo da ourivesaria: *frasco*¹⁴. Os outros 34 (97,14%), mesmo que não recebam marcas, fazem menção à atividade do ourives.
- Encontramos no dicionário Aurélio 32 termos dos 36 do nosso *corpus*, sendo que dois deles (6,25%) não têm a definição relacionada à ourivesaria: *frasco*¹⁵ e *mola*¹⁶, diferentemente dos 30 demais (93,75%).
- O dicionário de Houaiss registra 33 dos termos do nosso *corpus*. Dois deles (6,06%) não se relacionam diretamente à ourivesaria: *arruela*¹⁷ e *frasco*¹⁸. 31 deles (93,93%) têm as definições relacionadas ao universo da ourivesaria.

Como vimos, há casos em que o item lexical é listado pelos dicionaristas e recebe definição relacionada ao universo da ourivesaria, embora não receba marcações do tipo: “termo de ourives”, “entre os ourives” etc. Vejamos, a seguir, considerações sobre a marca de uso.

3.2. Origem dos termos

Tomamos como base, para revelar a origem dos termos em estudo, o “Dicionário Etimológico”, de Antônio Geraldo da Cunha. Além da origem, essa obra nos possibilita, muitas vezes, esclarecer a datação aproximada da entrada da lexia em estudo em nossa língua bem como identificar formas variantes que tais vocábulos possam ter adquirido ao longo do tempo, podendo, com isso, verificar se algumas dessas formas coincidiam com aquelas encontradas no nosso *corpus*.

Quando o termo não constava em Cunha, recorremos às demais obras consultadas.

A tabela 1 ilustra os termos de ourivesaria e a quantificação total desses quanto a sua origem:

¹⁴ FRASCO, s. m. Lat. *vasculum*. Vaso de vidro, ordinariamente de bôca estreita, para líquidos principalmente. [...]. (FREIRE, 1957)

¹⁵ frasco. [Do b-lat. *flasco*, onis < ger. *flaska*.] S. m. 1. Garrafa pequena, de vidro, de cristal ou de barro vidrado, para medicamentos, perfumes, etc; vidro. [...]. (FERREIRA, 1999)

¹⁶ mola [Do it. *molla*.] S. f. 1. Peça elástica, em geral metálica, espiralada ou helicoidal, e que reage quando vergada, distendida ou comprimida. [...]. (FERREIRA, 1999)

¹⁷ arruela (sXIV) S.f. 1 plaqueta circular ou quadrada provida de um furo central, que serve de base à porca para distribuir a pressão resultante do aperto do parafuso em maior área de contato; nina [...]. (HOUAISS, 2009)

¹⁸ frasco (sXVI) S.m. 1 recipiente de vidro, porcelana, cristal etc., de tamanho e forma variáveis, us. para guardar líquidos, pós, pílulas etc.; vidro. (HOUAISS, 2009)

Origem	Quantificação	Termos
Origem árabe	2	<i>cifra, nochatro</i>
Origem espanhola	2	<i>Tijolo, taes</i>
Origem francesa	3	<i>arruela, cinzel, cinzelar</i>
Origem italiana	2	<i>mola, retocador</i>
Origem portuguesa	12	<i>copella, ensaio, estilo, frasco, fuste, ourives, ourivesaria, prateiro, rascador, reparar, tenaz, trasflor</i>
Origem provençal	1	<i>escovilha</i>
Origem onomatopaica	1	<i>zunideira</i>
Origem desconhecida	4	<i>adastra, cartabuxa, maçarico, rilheira</i>
Origem não encontrada	9	<i>branquimento, caçoleta, embutideira, estilheira, moedeira, morescos, recoitar, sedear, taceira</i>
TOTAL	36	

Tabela 1 – Termos de ourivesaria quanto a sua origem

Ao fazermos a leitura dos dados, notamos que 25% dos termos em análise não tiveram suas origens encontradas em nenhuma das obras consultadas. A origem de maior destaque é a portuguesa, com 33,33% das ocorrências. 11,11% dos termos têm suas origens desconhecidas. Os termos de origem francesa somam 8,33% dos dados. Os termos de origem árabe, espanhola e italiana aparecem com igual destaque, representando 5,55% das ocorrências cada. Já os termos de origem provençal e onomatopaica aparecem em menor número, com 2,77% das ocorrências cada.

É notório que a maior parte dos termos de ourivesaria selecionados do DLB é oriunda da Europa, fato que ajuda a ratificar a herança portuguesa.

3.3. Comparação dos termos de ourivesaria do DLB com os questionários aplicados aos ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região

3.3.1. Sobre os entrevistados

Como exposto na seção “Metodologia”, no intuito de fazermos o estudo contemporâneo dos termos de ourivesaria, aplicamos questionários semântico-lexicais a 10 ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região sobre sua ciência em torno do significado de todos os 36 termos selecionados, conforme estão em Silva Pinto.

A idade dos nossos entrevistados varia de 25 a 55 anos e o tempo de experiência de 2 a 35 anos. Metade dos ourives entrevistados relatou que a sua profissão é herança familiar. Dois deles trabalham em uma ourivesaria fundada pelo bisavô em 1928. O local ainda preserva algumas ferramentas usadas naquela época, embora muitas delas não sejam mais usadas. Quatro ourives iniciaram sua carreira fazendo artesanatos diversos, utilizando pedra sabão, cerâmica etc. Posteriormente, passaram a atuar no ramo da ourivesaria. Apenas um ourives relatou que iniciou na ourivesaria por interesse próprio, pela necessidade de se sustentar e pela

curiosidade pela área. É interesse ainda destacar que um dos ourives tem experiência também no garimpo. Há mais de 20 anos ele trabalha na garimpagem e na venda de ouro e gemas. Para se especializar, está há dois anos fazendo o curso técnico em Joalheria e, nesse período, já começou a produzir suas peças, atuando também, portanto, como ourives.

Dos 10 entrevistados, 7 fazem ou fizeram o curso técnico em Joalheria. Todos buscaram o curso como forma de aperfeiçoar o trabalho que já vêm desenvolvendo há alguns anos. Os outros três, apesar de reconhecerem a importância da formação, acreditam que a experiência e o talento é o que conta para se ter sucesso na carreira.

3.3.2. Comparação dos dados do questionário com os dados do DLB

Nesta seção, podemos comparar os resultados obtidos na entrevista com o DLB. Dos 36 termos selecionados, 14 (38,88% dos dados) são desconhecidos por 100% dos entrevistados. O quadro 5 mostra-nos esses termos e seus possíveis correspondentes atuais, arrolados a partir das respostas dadas.

Termos desconhecidos por todos os ourives	Nomes dados por meio do conceito
adastra	Tribulet
arruela	..
caçoleta	Cadinho, amianto
cartabuxa	Escova de latão, de aço, de algodão, de crina de cavalo, de jeans.
cifa	Cera perdida, gesso, dado de bola
copela	Cadinho, vidros diversos
fuste	Pinça, alicate, pau de lacre
moresco	Chapas, lâminas, folhas, mingotes
nochatro	Sal branqueador, ácido muriático, amônia líquida
rascador	Lima, lixa, buril, brunidor, esmeril, escovas
sedear	Polir, lixar, limpar, lavar
taceira	Vitrine, mostruário, balcão, maleta
trasflor	..
zunideira	Taz, laminador, fundo da gaveta

Quadro 3 – Termos coletados do DLB desconhecidos por todos profissionais entrevistados.

Vale a pena destacar que os termos *trasflor* e *arruela* não foram reconhecidos, pela maioria, como pertencentes ao universo da ourivesaria, nem pelo conceito. Já os termos *cifa* e *nochatro* não apresentaram as mesmas acepções do DLB, já que os ourives relataram não trabalhar mais com moldes feito em areia e com sal amoníaco respectivamente.

Apenas cinco termos (13,88% dos dados) foram reconhecidos por todos os ourives entrevistados. Embora o conceito dado por eles nem sempre coincidiu com a encontrada no DLB. O quadro a seguir mostra-nos esses termos.

Termos	Comparação das acepções
maçarico	O maçarico continua sendo usado, o que difere é a variedade da ferramenta. Além do de boca, hoje temos o de gás, o de ar etc.
ourivesaria	Para todos os ourives, a primeira definição de ourivesaria que vem à cabeça é em relação à arte de trabalhar com ouro e prata, embora também chamem suas oficinas de ourivesaria.
ourives	O conceito dado pelo DLB e pelos ourives é o mesmo. Ourives é aquele que trabalha com ouro e prata.
reparar	O termo reparar também foi definido da mesma forma pelos ourives em relação ao DLB: reparar e fazer reparos, aperfeiçoar, reformar uma peça em ouro ou prata.
tijolo	Hoje o tijolo serve como refratário e não mais para vasar as arruelas, que nem são mais conhecidas no ramo.

Quadro 4 – Termos coletados do DLB reconhecidos por todos os profissionais entrevistados.

O reconhecimento dos 22 termos restantes ficou dividido. Poderemos inferir, pelas respostas dadas, que esse conhecimento ou não do termo pode estar ligado ao tempo de experiência de cada ourives, já que algumas ferramentas, que eram usadas antigamente, já não o são mais.

O gráfico 3 sintetiza os dados arrolados anteriormente.

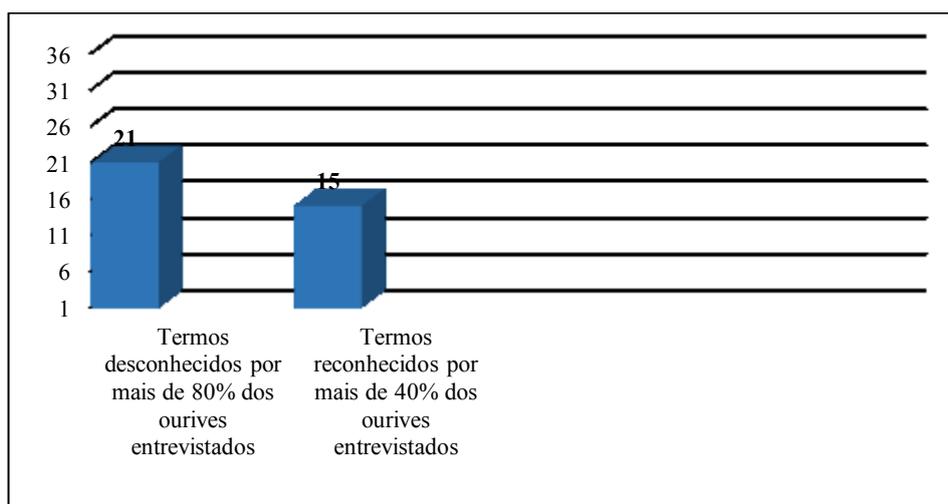


Gráfico 3 – Comparação entre os dados da entrevista e do DLB.

No quadro 5, podemos ver as informações do gráfico anterior com mais detalhes.

Termos coletados do DLB desconhecidos por mais de 80% dos ourives entrevistados	Termos coletados do DLB reconhecidos por mais de 40% dos ourives entrevistados
<i>adastra, arruella, caçoleta, cartabuxa, cifa, copella, fuste, ensaio, escovilha, estilo, moedeira, mola, morescos, nochatro, rascador, recoitar, retocador, sedear, taceira, trasflor, zunideira.</i>	<i>branquimento, embutideira, estilheira, frasco, maçarico, ourivesaria, ourives, prateiro, reparar, rilheira, sinzel, sinzelar, taes, tenaz, tijolo,</i>

Quadro 5 – Termos coletados do DLB conhecidos e desconhecidos pelos ourives entrevistados.

3.3.3. Comparação dos dados dos questionários com as obras de referências mais atuais – Aurélio e Houaiss

Comparando agora os dados das entrevistas com os dos dois dicionários mais atuais analisados neste estudo, Aurélio e Houaiss, podemos tecer os seguintes comentários:

Os termos selecionados em Aurélio (*frasco* e *mola*) e em Houaiss (*arruela* e *frasco*) com acepções diferentes daquelas encontradas no DLB, também se diferenciaram nas entrevistas. Embora fossem listados nos dicionários ou citados nas entrevistas, apresentam novas acepções e/ou usos em relação àqueles arrolados no DLB.

Dos termos não listados por Houaiss (*estilheira*, *moresco* e *taz*) e por Aurélio (*estilheira*, *moresco*, *taz* e *taceira*) apenas *estilheira* e *taz* foram reconhecidos por pelo menos 40% dos entrevistados.

Embora listados pelos dicionaristas, são desconhecidos pelos ourives: *adastra*, *caçoleta*, *cartabuxa*, *cifa*, *copela*, *fuste*, *nochatro*, *rascador*, *sedear*, *trasflor*, *zunideira*. Isso equivale a 34,37% dos dados de Aurélio e a 33,33% dos dados de Houaiss. Os termos a seguir também foram listados, no entanto, são desconhecidos pela maioria dos entrevistados. Aqueles que responderam deduziram seu significado: *escovilha*, *estilo*, *moedeira*, *recoitar*, *retocador* (16,62% dos termos listados por Aurélio e 15,15% por Houaiss).

Ainda houve aqueles termos nos quais pudemos perceber a aproximação do significado com as obras lexicográficas: *branquimento* (branqueamento), *cinzel*, *cinzelar*, *embutideira*, *estilheira*, *maçarico*, *ourivesaria*, *ourives*, *prateiro*, *reparar*, *rilheira*, *tenaz*, *tijolo* (embora a função citada pelos entrevistados seja diferente daquela comentada nos dicionários, o objeto continua sendo usado na ourivesaria). Esses termos representam 40,62% dos dados de Aurélio e 39,99% dos dados de Houaiss.

Como se vê, pelos resultados obtidos a partir da comparação dos dados das entrevistas com os termos selecionados em Aurélio e em Houaiss, a maior parte dos termos é desconhecida pelos ourives atuantes na cidade de Ouro e região, embora esse número não seja tão discrepante daqueles que são conhecidos. Além disso, a maior parte dos termos reconhecidos manteve suas acepções.

O gráfico 4 também possibilita a leitura desses dados. Vale lembrar que dos 36 termos selecionados do DLB, Aurélio lista 32 e Houaiss 33.

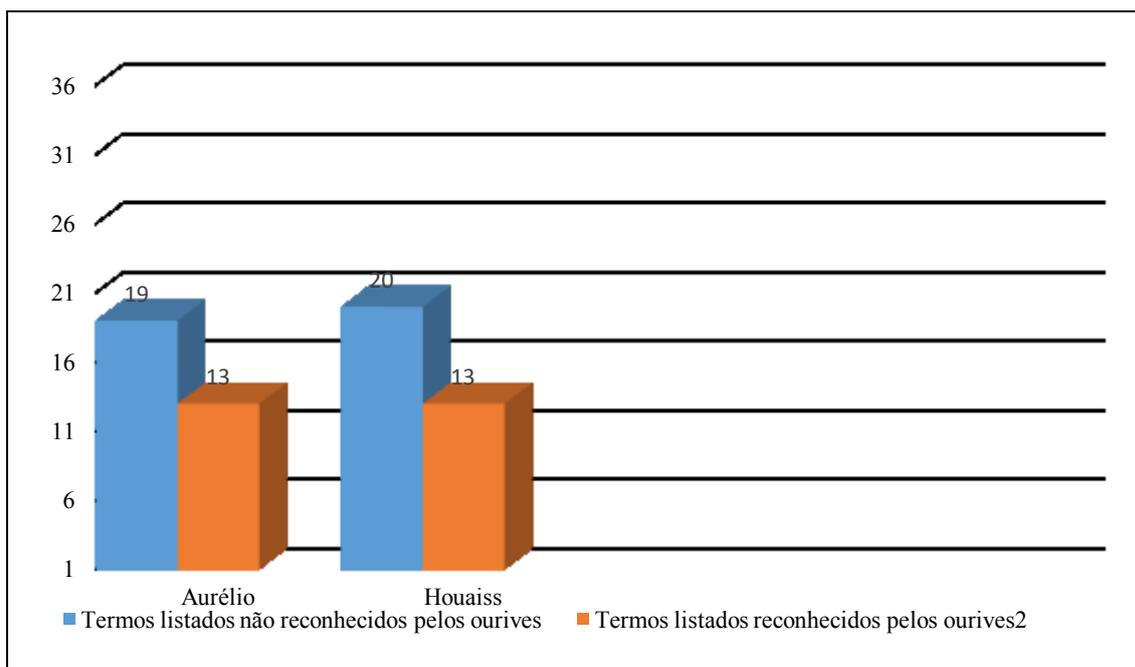


Gráfico 4 – Comparação entre os dados das entrevistas e dos dicionários de Aurélio e Houaiss

Considerações finais

Este trabalho objetivou realizar um estudo sincrônico e diacrônico do léxico correspondente à terminologia de ourivesaria, presente no “Diccionario da Lingua Brasileira”, publicado por Luiz Maria da Silva Pinto, proprietário da *Typographia de Silva*, na cidade de Ouro Preto, no ano de 1832.

Tivemos como objetivos específicos: estudar as origens dos termos de ourivesaria coletados no DLB; conferir se os termos selecionados se encontram presentes em obras lexicográficas de referência dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI; e se esses mantiveram seus significados; e, ainda, se constam como “termos de ourivesaria”; comparar os termos de ourivesaria do DLB com os questionários aplicados aos ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, verificando se esses termos continuam vigorando entre esses sujeitos, se caíram em desuso, se ganharam novas acepções e se outras palavras estão sendo usadas em lugar deles.

Aguçou-nos o interesse em saber quais termos de ourivesaria seriam selecionados para compor o primeiro dicionário genuinamente brasileiro, editado e publicado na cidade mineira de Ouro Preto, na qual houve e ainda há atividade consistente no manejo do minério cuja garimpagem originou a localidade.

Analisamos 36 unidades léxicas terminológicas coletadas do DLB. Verificamos se esses termos foram listados por lexicógrafos de referência ao longo dos séculos XVIII ao XXI. Constatamos que quase 90% dos itens lexicais estão presentes nessas obras. Bluteau lista 34 termos dos 36 coletados do DLB; Moraes Silva, 36 termos; Laudelino, 35 termos; Aurélio, 32 termos e Houaiss, 33.

Ficou claro também que a maior parte dos termos, embora em alguns casos não receba marcação terminológica, continua constando como pertencente ao universo da ourivesaria. Em Bluteau, o conceito de apenas dois itens lexicais não faz menção à ourivesaria, em

Laudelino, somente uma lexia, em Houaiss, duas e, em Aurélio, também duas. Todos os termos selecionados do DLB são listados por Moraes Silva e todas as acepções, nesta fonte, fazem menção à ourivesaria.

No que concerne aos questionários aplicados a ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, fizemos dois comparativos: primeiro com o DLB, depois com o Aurélio e com o Houaiss.

Dos 36 termos selecionados do DLB, podemos dizer que 21 (58,33%) são desconhecidos pelos ourives, enquanto que 15 (41,66%) são familiares para parte dos entrevistados.

Das 36 lexias selecionadas do DLB, Aurélio lista (32). Dessas, 19 (59,37%) continuam desconhecidas pelos ourives e 13 (40,62%) são usuais. Já Houaiss lista 33 dos 36 termos selecionados do DLB, 20 (60,60%) parecem desconhecidas pelos ourives e 13 (39,39%) são comuns entre eles.

Como se vê, pela comparação dos dados das entrevistas com os termos do DLB, do Aurélio e do Houaiss, a maior parte dos termos não é conhecida pelos ourives atuantes na cidade de Ouro Preto e região, embora esse número não seja tão discrepante daquele que é conhecido.

Como destacado no capítulo anterior, alguns dos ourives entrevistados comentaram que eles costumam apelidar algumas ferramentas como forma de facilitar e agilizar o trabalho interno. Outros também lembraram que esses termos podem mudar de região para região. Metade deles já trabalhou em outros estados e um desses até fora do Brasil. Dessa forma, é compreensivo encontrarmos formas diferentes para se nomear um mesmo objeto.

Há ainda o fato de que o não conhecimento de muitos dos termos por alguns ourives pode estar relacionado ao tempo de experiência também. Algumas ferramentas que eram utilizadas há alguns anos já não o são hoje, o que faz com que os ourives mais jovens não as conheçam. Além disso, novas ferramentas vão sendo criadas e nomeadas de acordo com as necessidades da profissão.

Como o dicionário é um porta-voz da sociedade, se o uso dos itens lexicais não é grande, se eles não são frequentes na oralidade e na escrita, os dicionários de língua não os registram.

No que se refere à origem dos termos, notamos que 25% dos termos em análise não tiveram suas origens encontradas em nenhuma das obras consultadas. A origem de maior destaque é a portuguesa, com 33,33% das ocorrências. É notório que a maior parte dos termos de ourivesaria selecionados do DLB é oriunda da Europa, fato que ajuda a ratificar a herança portuguesa.

Quanto ao caráter nacionalista da obra, uma vez que seu título anuncia essa possibilidade, constatamos que o autor não o reivindica. Como visto, o dicionário não traz grandes novidades em relação ao dicionário de Moraes Silva, publicado anteriormente. Em uma sociedade que começava a discutir a questão da “língua brasileira”, acreditamos que Luiz Maria da Silva Pinto, brasileiro, mas de formação lusitana, quis contribuir com a constituição da sociedade brasileira, acreditando que fornecer um léxico de origem europeia, ou “bem formado”, era seu dever como brasileiro culto e proprietário de uma tipografia.

Acreditamos que os resultados de nossa análise trazem elementos para os estudos lexicográficos e terminológicos brasileiros, já que passamos a conhecer um pouco mais o primeiro dicionário impresso no Brasil.

Synchrony and diachrony of goldsmithery terminology in the "Diccionario da Lingua Brasileira" (1832), by Maria da Silva Luiz Pinto

Abstract: This article presents the main results of a Master's research focusing on a synchronic, diachronic and ethnolinguistic study of goldsmithery terminology in the "Diccionario da Lingua Brasileira" (1832), by Luiz Maria da Silva Pinto. For this analysis, we used Bluteau (1712-1728), Moraes Silva (1813), Freire (1944), Aurelio (1999), Houaiss (2009) and Cunha (1987, 2007) dictionaries, apart from questionnaires applied to goldsmiths in Ouro Preto and surroundings. Our analysis pointed to a European-based terminology which, although related to the world of goldsmithery and mostly registered in dictionaries, is little known by the respondents.

Key words: terminology; lexicography; goldsmithery; Portuguese language.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA GIOANA DE LETRAS. Disponível em:

<http://academiagoianadeletras.org/membro/luiz-maria-da-silva-pinto/>. Acesso em: 10 abril 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza C. A Ciência da Lexicografia. Alfa, São Paulo, v.28 (supl.), p.1-26, 1984. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3676-9112-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3676-9112-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 9 abril 2014.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. v. 1 a 8.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COELHO, O. F. *Diccionario da Língua Brasileira*. 2012. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/node/392>. Acesso em: 3 dez. 2013.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, L. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: A Noite S.A, 1957.

FRIEIRO, E. "Um velho dicionário impresso em Minas". In: _____. *Páginas de crítica e outros escritos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1955. p. 390-397.

HOUAISS, A. *Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SILVA PINTO, L. M. da. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

MORAES SILVA, A. de. *Diccionario da Lingua Portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

NUNES, J. H. *Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngues no Brasil*. (2013?). Disponível em: <http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/11122008004925.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

VERDELHO, T. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna. In: *História da língua e história da gramática - actas do encontro*. Braga: Universidade do Minho/ILCH, 2003. p. 473-490. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Dicionario_Morais_Silva.pdf. Acesso em: 15 maio 2014.

ANEXO A

Termos de ourivesaria coletados do DLB e a transcrição diplomática de seus respectivos conceitos

Adastra, s. m. Instrumento de ourives. He de ferro e como hum fuso; serve bara endireitar aros.

Arruella s. f. [...] (T. de Ourives) Peçaço de prata que se vasa.

Branquimento s. m. Banho, com que os ourives limpão a prata, e a fazem branca.

Caçoleta, s. f. [...] vaso de ourives para recozer a prata.

Cartabuxa, s. f. [T. de ourives] Escova de arame.

Cifa s. f. Assim chamão os ourives a arêa, de que enchem os frascos de moldar, e vasar as peças. [...].

Copella, s. f. Vazo de que usão os ourives para afinar o ouro, ou a prata.

Embutideira, s. f. Instrumento de ourives.

Ensaio, s. m. Prova do Ourives ou Chimico para examinar o valor dos metaes. [...].

Escovilha s. f. Cova onde o ourives guarda o lixo.

Estilheira, s. f. He huma peça de madeira no caixão do Ourives, onde elle descança o braço.

Estilo, s. m. [...] Ponteiro, de que se serve o Ourives para debuxar, e o Pintor para abrir a pintura estufada. [...].

Frasco s. m. [...] Entre os ourives são duas peças de bronze onde se calca a area para se tirar o molde da obra. [...].

Fuste, s. m. Pãosinho de que usão os ourives, embetumado n'hum dos extremos, onde estão pegadas as peças para lavrallas ao buril. [...].

Maçarico, s. m. [...]. Canudo de que se servem os ourives, com que soprão o lume da candeia para a peça de filagrana, que querem soldar. [...].

Moedeira, s. f. Instrumento, com que os ourives moem o esmalte.

Mola, s. f. [...]. Tenaz de ourives, de que eles se servem para tirar da forja o cadinho.

Morescos s. m. plur. *Entre os ourives*. Folhagens debaxadas com o buril.

Nochatro, s. m. *Entre os ourives* he o mesmo que sal ammoniaco.

Ourivasaria, s. f. Officina de ourives.

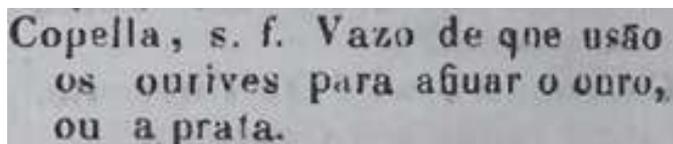
Ourives s. m. o que trabalha em ouro, e prata.

Prateiro s. m. Ourives que faz obras de prata.
Rascador, s. m. Instrumento dos ourives de rascar, ou de raspar. [...].
Recoitar, v. a. *Entre ourives*, Abrandar o metal, fazendo-o em braza.
Reparar v. a. [...]. *Entre ourives* Aperfeiçoara, retocar a obra. [...].
Retocador, s. m. Instrumento, com que os ourives tirão a rebarba ao ouro.
Rilheira, s. f. A peça, onde o ourives vasa a prata para fazer chapas.
Sedear v. a. *Entre os ourives*, Limpar a peça da prata ou de oiro com escova de sedas.
Sinzel, s. m. Instrumento de ourives.
Sinzelar, v. a. *Entre ourives* Levantar de meio relevo.
Taceira, s. f. O balcão, onde os ourives tem as taças etc. á mostra. Não he usado já.
Taes, s. m. Peça de ferro, de que usão os ourives, cravada n'hum cepo, para bater os metaes.
Tenaz, s. m. Instrumento de metal, de que usão os ourives, ferreiros etc, Tem duas hastes de ferro prezas a um eixo com que se affêrão as cousas com força. [...].
Tijolo, s. m. [...] *Entre ourives*, ferro redondo onde se vasão as arruelas. [...].
Trasflor, s. m. *Entre os ourives*, Lavor de oiro em campo de esmalte.
Zunideira, s. f. Pedra em que o ourives aliza o ouro.

ANEXO B

Exemplo de ficha terminológica preenchida

Ficha 7 – termo COPELLA



Copella, s. f. Vazo de que usão os ourives para afinar o ouro, ou a prata.

→**Cunha**: copela sf. ‘vaso poroso que serve para separar a prata de outros metais’ XVIII. Do lat. cūpella, dim. de cūpa ‘copa’, através do it. coppèla ou, mais provavelmente, do fr. coupelle.

→**Bluteau**: COPELHA, ou copella. (Termo de Ensayador de moeda) Vem do Francez *Coupelle Vaso pequeno*, e chato, feyto de cinzas de lenha leve, e de ossos de pés de carneyros. Nelle se faz fũdir o ouro, ou prata, que querem examinar, ou purificar, e misturase-lhe hum pouco de chũbo, o qual ou se embebe na Copelha, ou se evapora, e leva consigo toda a impureza do metal. [...].

→**Moraes Silva**: COPELHA, s. f. ou COPELA, s. f. vaso feito de cinzas leves, e de ossos de pés de carneiro calcinados, usão deles os ensaiadores, para afinar o oiro, ou prata.

→**Freire:** COPELA, ou COPELLA, S. F. Lat. *cupella*. Pequeno vaso em forma de taça, feito de cinzas lavadas ou de ossos calcinados, e que se usa na copelação. [...].

→**Aurélio:** copela. [Do it. *coppella*.] *S. f.* Cadinho us. na copelação.

→**Houaiss:** copela (1694) *S. f.* METAL pequeno cadinho us. na copelação ('processo de purificação').

Comentários: Todas as definições dadas para *copella* remetem ao universo da ourivesaria. Bluteau faz a marcação *Termino de Ensayador de moeda*. Os ourives entrevistados não reconheceram esse termo, mas, por meio de seu conceito, disseram usar o *cadinho* para afinar o ouro.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 12/03/2015

Data de publicação: 30/04/2015